

## Associação Nacional de História – ANPUH

### XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

#### **As Pesquisas em História do Pensamento Geográfico no Brasil: casos recentes mais uma ilustração temática**

Dante Flávio da Costa Reis Júnior\*

**Resumo:** Esta comunicação tenciona relatar o contínuo interesse de geógrafos brasileiros pelos estudos de caráter historiográfico – estudos que, traduzindo forçosa evocação do parâmetro temporal, demonstram a relevância das épocas e suas coações. Brevemente, descrevemos o espectro temático dentro do qual eles se encontram e exemplificamos com uma matéria a ele atinente.

**Palavras-chave:** História do Pensamento – Geografia Brasileira – Escola Teorética

**Résumé:** Ce communiqué a l'intention de raconter l'intérêt continu des géographes brésiliens par les études de caractère historiographique – des études qui, en traduisant l'appel inévitable au paramètre temporel, démontrent la pertinence des époques et leurs coactions. En peu de mots, nous décrivons la circonscription thématique des travaux, aussi bien qu'illustrerons avec un sujet y compris.

**Mots-clés:** Histoire de la Pensée – Géographie Brésilienne – École Théorique

Investigações de natureza histórica e conceitual há muito cativam razoável contingente de cientistas. São estudos que exploram, na maioria das vezes, o aprimoramento das ferramentas – técnicas, lingüísticas – de que a comunidade científica dispõe (averiguando, por exemplo, a justificativa contextual deste avanço ou os atores através dos quais ele pôde se dar). No âmbito da Geografia, uma linha de pesquisa de norte semelhante também vem chamando a atenção dos seus profissionais. Trata-se da, assim chamada, “História do Pensamento Geográfico”, que, no Brasil, tem seduzido e formado especialistas desde a década de oitenta (com pontuais antecedentes).

Alguns Professores dedicaram-se a estudos importantes vinculados à linha. Tenham sido composições de panoramas genéricos daquela “História” (ANDRADE, 1977; MONTEIRO, 1980; MORAES, 1981; CHRISTOFOLETTI, 1982; ANDRADE, 1987; CAMARGO; REIS JÚNIOR, 2004), exames de escolas de pensamento específicas (BRAY, 1977; 1980) ou contribuições ao estudo do método mais adequado para efetivar as historiografias (BRAY, 1999; MACHADO, 2000; SPOSITO, 2004), todas as iniciativas se cotizaram para estabelecer, na cena brasileira, uma leitura autônoma da evolução da disciplina – desígnio louvável. Efeito deste empreendimento, hoje as pesquisas brasileiras com os

---

\* Doutorando em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas.

propósitos epistemológico e/ou historiográfico já compõem um acervo quantitativamente apreciável e podem prender-se (conforme o projeto teórico do autor) aos seguintes temas:

- doutrinas filosóficas subjacentes às escolas de pensamento geográfico ;
- autores principais representantes de uma escola ou contribuintes à difusão de ideologias ;
- instituições e órgãos oficiais propagadores de ideários ou fomentadores da prática científica ;
- processo de assimilação doméstica das correntes de pensamento internacionais ;
- opções analíticas mesclando dois ou mais vieses acima citados.

Por conta disso, determinados centros de pesquisa adquiriram status de pólo. À guisa de exemplificação, poderíamos apontar o caso da Universidade Estadual Paulista com (no campus de Rio Claro) a atuação dos Professores Silvio Carlos Bray e José Carlos Godoy Camargo e (no de Presidente Prudente) a do Professor Eliseu S. Sposito. Mas também os casos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em virtude da atuação engajada da Professora Lia Osório Machado, bem como do Professor Paulo César da Costa Gomes e da Universidade de São Paulo, pelas sabidas preocupações historiográficas do Professor Antonio Carlos Robert Moraes.

O (acima mencionado, indiretamente) resgate de autores e das textualizações que nos deixaram como herança tem um excelente papel funcional a jogar, desde que traga à tona visões de mundo irresistivelmente atreladas aos respectivos contextos históricos e, por esta razão, ajude a compor o mosaico que parece ser o Pensamento Geográfico Brasileiro. Ainda estamos longe de poder medir, com precisão, a fidelidade de um quadro assim; todavia, ele deve continuar recebendo e ajustando em si toda e qualquer contribuição confeccionada a partir dos centros de pesquisa. Daí que hoje já se encontra disponibilizado um bom número de Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado alinhadas com a empresa de desvelar o modo como tem evoluído a Geografia Brasileira. Não por acaso, esta mobilização acadêmica abriu veios que logo aproximaram pesquisadores imbuídos da mesma causa. Hoje percebemos desde veículos que a materializam – caso dos periódicos de circulação regional/nacional (sem dúvida, a forma mais propícia de divulgar projetos de pesquisa em andamento e eixos temáticos originais): *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro/RJ; *Geografia*, Rio Claro/SP; *Geosul*, Florianópolis/SC; ... – até a organização de eventos (congressos, encontros) que, costumando compreender “Espaços de Diálogo” especiais, terminam por fortificar o contingente de interessados pela História do Pensamento Geográfico: *Encontro Nacional de Geógrafos*; *Congresso Brasileiro de Geógrafos*; ...

Hão de ter sido reflexo de uma congregação crescentemente virtuosa os produtos dessas primeiras décadas de simpatia e curiosidade com o desenvolvimento em nosso país do, digamos, “pensar o *pensar Geografia*”. Aí estão trabalhos notáveis sobre a função da intelectualidade brasileira no estímulo (ainda que não necessariamente ocorrido pela via de um planejamento deliberado ou consciente de fato) dos fundamentos epistemológicos da disciplina (ANTONIO FILHO, 1990; MARCHI, 1998; OLIVA, 1998; ANSELMO, 2000; CONCEIÇÃO, 2001; CASTRO; GOMES, 2004; REIS JÚNIOR, 2006). Aí estão, também, reflexões acerca dos papéis jogados por entidades de classe, órgãos oficiais ou instituições de ensino, tais como, respectivamente, a Associação de Geógrafos Brasileiros, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e as antigas Faculdades de Filosofia e Letras, nas discussões conceituais e na assimilação/disseminação de valores e ideologias diversas (ALMEIDA, 1999; MACHADO, 1999; ALBUQUERQUE; SOUSA NETO, 2002; MACHADO; 2002; CONCEIÇÃO; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2004). Na verdade, o enriquecedor (por mais que complexo) é tentar empreender uma costura entre o pensamento incorporado pelos autores e a situação histórica que dá margem, justamente, às criações intelectuais e ao entendimento delas. Notabilizada fica a empresa porque – se aguarda – dela resultará um substrato informativo passível de ser vinculado, simultaneamente, a uma época e a uma autoria; dado útil como referência na avaliação de outras teorizações (contemporâneas ou pretéritas).

Muito em decorrência de uma longa celeuma em torno da discussão sobre as relações entre o engajamento político do geógrafo e a defesa que ele possa fazer de um particular conjunto de métodos, uma notável escola de pensamento não costuma receber tanta atenção dos pesquisadores. Nos referimos à corrente que ficou conhecida como Nova Geografia, ou Geografia “Teorética” (ou, ainda, segundo versão reducionista, “Geografia Quantitativa”). Esta escola – acolhida por alguns geógrafos brasileiros, com notável defasagem temporal, a partir da transição entre as décadas de sessenta e setenta – caracterizou-se pelo empenho fervoroso em ajustar a linguagem da Geografia àquela que vinha se mostrando alvissareira junto à jurisdição das ciências naturais e abstratas. Isto significou, em outras palavras, reformular o dialeto geográfico até então vigorante; isto é, subverter a tradição das monografias, demasiadamente avessas à causa legislativa. Assim, passariam a fazer parte da rotina metodológica do geógrafo o uso de teoria sistêmica, o processamento estatístico de dados, o emprego de modelos analógicos ... enfim, a consagração da idéia de “organização espacial” – objeto que, abstrato, mostrava-se bem concertado à

estrutura normativa do raciocínio matemático e, portanto, bastante conveniente às esferas do planejamento e da tomada de decisão.

Motivados pelo fato da literatura especialmente voltada para a mencionada escola ser rarefeita em língua portuguesa, temos nos dedicado, desde o Mestrado, ao exame de sua divulgação no Brasil (REIS JÚNIOR, 2003). A rigor, nossas pesquisas vêm se concentrando numa alternativa analítica que mescla duas temáticas em particular: apreciação da obra de “geógrafos-chave” (contextualizando-a e inferindo a representatividade de seu autor) e elucidação do substrato filosófico sobre o qual parece estar fundado o discurso desses cientistas. Bem, a filosofia facilmente associável à Nova Geografia chama-se positivismo lógico, cujos preceitos tendem, de fato, a sugerir certas inclinações metodológicas. Dentre as cláusulas neopositivistas, algumas são emblemáticas e nos explicitam bastante bem que tipo de processualística só pôde motivar junto à comarca das ciências sociais: 1ª) assertivas científicas precisam primar por um rigor lingüístico – devem estar baseadas, portanto, num quadro relacional que sistematize seu conteúdo informativo; 2ª) o ordenamento das informações coligidas pode ser efetivado por linguagem matemática, pois a sintaxe que lhe é correspondente possui, precisamente, a característica da sistematização abstrata; 3ª) enquanto ciências bem-sucedidas metodologicamente, Física e Biologia devem servir de modelo a ser cortejado – logo, fica autorizado o empreendimento analógico, a replicação de modelos naturalistas (RUSSELL, 1996). Está evidente, as três cláusulas suscitaram aquela rotina metodológica referida no parágrafo anterior.

Neste sentido, nossas Dissertação e Tese pretendem contribuir ao descortino de tal fase “teorético-quantitativista”, e sob o ponto de vista de sua incorporação por pesquisadores de nosso país. No Mestrado, investigamos a produção científica de Speridião Faissol (1923-1997), geógrafo que atuou no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro. Nesta ocasião, o escopo foi o de exemplificar – por meio das textualizações de um ilustre profissional – a sintonia teórica que a Geografia Brasileira também soube desenvolver entre a temática sócio-econômica (sobretudo urbana, no caso deste pesquisador) e os princípios metodológicos do positivismo lógico (que a submeteu, inevitavelmente, a uma leitura naturalista/pragmática). Portanto, a Dissertação identifica no discurso de Faissol a ocorrência dos conceitos vinculados à teoria dos sistemas (*entropia, homeostase, equifinalização*), bem como o incentivo ao uso de técnicas quantitativas (judiciosamente conjugadas à mesma teoria). E o faz a fim de exprimir o quanto este seu exercício metodológico esteve atendendo às demandas do poder executivo. Então, em síntese, nossas pesquisas, de vez que se enquadram num âmbito atravessado por várias questões entrecruzadas (as quais, portanto,

tendem a tomar alguma parte no complexo causal condicionante dos pensamentos e das práticas), pressupõem atenção proporcional aos temas (gerais) “sociologia do conhecimento”, “ciência e sociedade” e (específicos) “positivismos na Geografia” e “história sócio-política do Brasil contemporâneo”. Temas que, fatalmente, precisamos confrontar numa etapa analítica pré-redação.

De tal cotejo, pudemos perceber que, já envolvido na prática quantitativa, um “Faissol-funcionário” participa do plano e execução da Divisão Regional do Brasil – importante empreendimento realizado a partir de grande número de dados estatísticos, tabulados em decorrência do Censo de 1970. Uma série de variáveis havia sido agregada para definir, por intermédio de procedimentos matemáticos, compartimentagens regionais segundo níveis (processo denominado *linkage tree*, pelo qual múltiplos fatores se permitem correlacionar). No ano anterior ao referido Censo, o geógrafo, integrando o Grupo de Áreas Metropolitanas (vinculado ao Departamento de Geografia do IBGE), assiste a aplicação de modelos fisicistas e de outras técnicas matemáticas, na intenção de definir áreas metropolitanas no território brasileiro. A demarcação das zonas tinha o propósito de estabelecer que espaços deveriam merecer uma enquête mais detalhada (a ser feita justamente no ano seguinte). Vemos, por aí, como a quantificação esteve presente tanto na fase de amostragem, quanto no tratamento dos dados que se referissem a ela.

Um extrato esclarecedor, pelo qual o próprio Faissol – em contexto de reflexão a posteriori – comenta o papel ativo do órgão a que pertencera:

*[...] temas como o sítio e a posição da Nova Capital do Brasil foram longamente estudados e discutidos por geógrafos do órgão oficial (IBGE), bem como a questão da criação e organização de regiões metropolitanas, como base de formulação de uma política de desenvolvimento urbano. É importante ressaltar que a posição destes grupos de geógrafos do IBGE os colocava numa postura de eficiência na questão da Nova Capital do País, quando advogavam uma localização perto do núcleo de poder econômico [...] até mesmo a preocupação com unidade nacional, [...] guardava esta visão eficientista (FAISSOL, 1987:34, grifo nosso).*

Contudo, a celeuma aludida parágrafos atrás induz a que, mais além de uma rarefação bibliográfica, a escola quantitativista brasileira “granjeie” estigmas-clichês. É que, no discurso oponente (baseado em teoria crítica, neomarxista), o elo entre uma disciplina usuária de modelos abstratos e de otimização e um governo ostentador do lema do planejamento, em vez de denotar previsível coordenação estratégica, significaria funesta (ardilosa?) cooptação do pensamento científico pelo poder. Porém, averiguando a sugerida complexidade causal, é possível deduzir o peso apenas relativo da ideologia política na sujeição (sic) da ciência – exame que, por conseqüência, restaura o (não menos relevante!) papel da autonomia intelectual na história e na difusão das idéias.

Encerremos com o esclarecimento que nos dão, uma vez mais, as palavras de Speridião Faissol:

*[...] podia-se constatar que o temário da Conferência [Faissol se refere aqui à Conferência Regional da IGU, International Geographical Union, que ocorreria no Rio de Janeiro, no ano de 1982] e os temas dos expositores continham numerosos assuntos de inspiração social e mesmo marxista, sem que a isto tivesse qualquer observação nem dos organizadores, nem da direção do IBGE, que foi o principal patrocinador; o que foi até objeto de alguns comentários na crônica internacional a respeito, que ao ressaltar o alto nível profissional em que se realizou a Conferência, estranhava esta liberdade conceitual e mesmo ideológica dado o fato de estar isto acontecendo num momento de governo militar autoritário e de direita (FAISSOL, 1989:23-24, grifo nosso).*

### Referências bibliográficas:

ALBUQUERQUE, Ana Maria; SOUSA NETO, Manoel Fernandes. *A História da Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Fortaleza, a partir de 1978*. In: XIII ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS. *Anais*. João Pessoa: UFPB, 2002. 1 CD-ROM.

ALMEIDA, Roberto Schmidt de. *A Geografia do IBGE através da Memória de seus Geógrafos: 1938-1998*. In: I ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO. *Eixos Temáticos*. Vol. 1. Rio Claro: IGCE/UNESP, 1999. Pp. 115-118.

ANDRADE, Manuel Correia de. *O Pensamento Geográfico e a Realidade Brasileira*. In: **Boletim Paulista de Geografia**. Nº. 54. São Paulo: AGB, jun 1977. Pp. 5-28.

\_\_\_\_\_. **Geografia, Ciência da Sociedade**: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.

ANSELMO, Rita de Cássia Martins de Souza. **Geografia e Geopolítica na Formação Nacional Brasileira**: Everardo Adolpho Backheuser. 2000. 274f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

ANTONIO FILHO, Fadel David. **O Pensamento Geográfico de Euclides da Cunha**: uma avaliação. 1990. 272f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

BRAY, Silvio Carlos. *Os Postulados da Análise Funcionalista na Geografia e seus Aspectos Ideológicos*. In: **Boletim Paulista de Geografia**. Nº. 54. São Paulo: AGB, jun 1977. Pp. 29-39.

\_\_\_\_\_. *Considerações sobre o Método de Interpretação Funcionalista na Geografia*. In: **Boletim de Geografia Teorética**. Vol. 10, nº. 20. Rio Claro: AGETEO, 1980. Pp. 33-43.

\_\_\_\_\_. *Da Técnica das Palavras Chaves à História do Pensamento geográfico*. In: I ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO. **Mesas Redondas**. Rio Claro: IGCE/UNESP, 1999. Pp. 3-16.

CAMARGO, José Carlos Godoy; REIS JÚNIOR, Dante Flávio da Costa. *Considerações a respeito da Geografia Neopositivista no Brasil*. In: **Geografia**. Vol. 29, nº. 3. Rio Claro: AGETEO, set-dez 2004. Pp. 355-382.

CASTRO, Henrique Moreira de; GOMES, Raquel Ferreira Polycarpo. *O Regionalismo Literário em Geografia, a Linguagem Reinventada de Guimarães Rosa e os Caminhos da Fronteira*. In: VI CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS. *Anais*. Goiânia: UFG, 2004. 1 CD-ROM.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. *As Perspectivas dos Estudos Geográficos*. In: \_\_\_\_\_ (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982. Pp. 11-36.

CONCEIÇÃO, Alexandrina Luz. **Às Margens do Beberibe e do Capibaribe**: a crítica de Tobias Barreto nos meandros da geografia. 2001. 308f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CONCEIÇÃO, Alexandrina Luz; OLIVEIRA, Igor Machado de; OLIVEIRA, Vanessa Dias de. *A Questão Nacional dos Discursos do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe – IHGS (1912-1930)*. In: VI CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS. *Anais*. Goiânia: UFG, 2004. 1 CD-ROM.

FAISSOL, Speridião. *A Geografia na Década de 80; os Velhos Dilemas e as Novas Soluções*. In: **Revista Brasileira de Geografia**. Vol. 49, nº. 3. Rio de Janeiro: IBGE, jul-set 1987. Pp. 7-37.

\_\_\_\_\_. *A Geografia Quantitativa no Brasil: como foi e o que foi?* In: **Revista Brasileira de Geografia**. Vol. 51, nº. 4. Rio de Janeiro: IBGE, out-dez 1989. Pp. 21-52.

MACHADO, Lia Osório. *História do Pensamento Geográfico no Brasil: elementos para um programa de pesquisa*. In: **Terra Brasilis**. Vol. 1, nº. 1. Rio de Janeiro: [s. n.], jan-jun 2000. Pp. 110-134.

MACHADO, Mônica Sampaio. *Uma Contribuição à História Institucional da Geografia Carioca*. In: I ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO. **Eixos Temáticos**. Vol. 1. Rio Claro: IGCE/UNESP, 1999. Pp. 147-151.

\_\_\_\_\_. **A Geografia Universitária Carioca e o Campo Científico-Disciplinar da Geografia Brasileira**. 2002. 182f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MARCHI, Dorival Donizeti. **O Pensamento Geográfico de Josué de Castro nas Décadas de 40 e 50**: a fome e a produção de alimentos. 1998. 66f. Monografia (Especialização em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **A Geografia no Brasil (1934-1977)**: avaliação e tendências. São Paulo: USP, 1980.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia, Pequena História Crítica**. São Paulo: HUCITEC, 1981.

OLIVA, Terezinha Alves de. **O Pensamento Geográfico em Manuel Bomfim**. 1998. 189f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

REIS JÚNIOR, Dante Flávio da Costa. **O Humano pelo Viés Quantitativo**: um exame do (neo)positivismo em Speridião Faissol, através da leitura de textos selecionados. 2003. 141f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

\_\_\_\_\_. *Valores e Circunstâncias do Pensamento Geográfico Brasileiro: a geografia teórica ponderada de Speridião Faissol*. In: **Geografia**. Vol. 31, nº. 3. Rio Claro: AGETEO, set-dez 2006. Pp. 481-504.

RUSSELL, Bertrand. **History of Western Philosophy**: and its connection with political and social circumstances from the earliest times to the present day. London: Routledge, 1996.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e Filosofia**: contribuição ao ensino do pensamento geográfico. São Paulo: UNESP, 2004.